

4. A nominalização em Inglês e Português. Derivados nominais e nominalizações gerundivas.

Em inglês, diversos nominais são formados a partir do processo de adição de sufixos, como *-er*, e *-ing* às suas bases verbais. Além destes sufixos, outros aparecem em substantivos chamados de derivados nominais, tais como *-ion*, em *decide/decision*. Chomsky afirma que a diferença básica entre eles refere-se à produtividade dos processos. Enquanto os gerundivos se formam e conservam a mesma semântica verbal, além da alta produtividade, os derivados nominais nem sempre se referem ao que sua base verbal sugere, não sendo tão previsíveis, além de produtividade restrita.

As nominalizações eram entendidas pela Teoria Padrão, como operações de regras transformacionais que ocorriam em sentenças que derivavam de uma mesma estrutura profunda. Só a partir da hipótese lexicalista de Chomsky (1970), que a morfologia derivacional é reintegrada e os estudos das nominalizações ganham maior profundidade. A teoria lexicalista propunha que os nominais derivados, como, *refusal*, em sentenças como (41),

(41) *John's refusal of the offer*¹,

estivessem inseridos em estruturas básicas dentro do léxico principalmente porque a relação semântica que eles têm com verbo originador tende a ser idiossincrática². Por outro lado, os gerundivos do tipo *refusing* em (42),

(42) *John's refusing the offer*,

eram considerados como fazendo parte do componente sintático da linguagem, derivando sintaticamente de outras sentenças, através de regras transformacionais.

Entretanto, em nominais gerundivos do tipo ilustrado em (43):

(43) *John's refusing of the offer*,

1 - Sentenças (24), (25) e (26) de Chomsky.

2 - Embora não haja nenhuma irregularidade neste exemplo.

chamado de misto por Chomsky, verificamos uma terceira possibilidade de nominal que não pode ser qualificado como pertencendo ao léxico, tampouco à sintaxe³.

Tradicionalmente, no português, as nominalizações eram consideradas apenas como um processo morfológico de formação de substantivos a partir de verbos. Somente sob a perspectiva do gerativismo lexicalista o léxico vai ser estudado como lugar de regularidades, embora parciais, onde ocorrem relações paradigmáticas entre nomes e verbos que, por sua vez, derivam de padrões lexicais gerais. As diferenças entre os outros processos de formação de palavras e as nominalizações são duas, nas palavras de Basílio (1980; p.74), a partir de proposições gerativistas de Chomsky (1965) e Jackendoff (1975): “(a) em nominalizações, os traços contextuais da base podem determinar os traços contextuais da forma nominalizada; (b) em nominalizações, o significado da forma nominalizada não depende do sufixo que é responsável por sua forma fonológica”.

Há que fazermos, por oportuno, uma distinção mórfica entre nominalizações sufixais e as formas morfológicas básicas associadas a verbos. As formas morfológicas básicas são aquelas encontradas nos pares de verbos e nomes, por exemplo, lutar – *luta* / vender – *venda* / jogar – *jogo* etc., que, segundo as gramáticas normativas, foram formadas pelo processo de derivação regressiva, enquanto nominalizações ou nomes deverbais são caracterizados pela adição de sufixos a bases verbais, como por exemplo, em contemplar – *contemplação* / nascer – *nascimento* / contar – *contagem*. Importante mencionar que os sufixos nominalizadores são meros marcadores sintáticos sem portarem significado algum.

O fenômeno da lexicalização é imprevisível, assim, as nominalizações podem apresentar, também, múltiplos significados. Analisemos, por exemplo, declaração que tanto pode ser entendido como um documento escrito onde alguma coisa é declarada, ou alguém que faz uma declaração de qualquer outro tipo, como de amor, de paz, de guerra, etc.. E similarmente há outras tantas nominalizações,

3 - Este é mais um exemplo da dificuldade de estabelecer fronteiras absolutas entre léxico e sintaxe.

como organização, que tanto pode ser uma empresa, uma companhia, uma firma ou pode estar referindo-se à forma organizada de alguma pessoa ou coisa. Entretanto, através das funções designadora e predadora, os variados significados que derivados nominais podem apresentar, tornam-se regulares e previsíveis, isto é, temos nas nominalizações uma polissemia sistemática.

O presente estudo é uma primeira tentativa de investigar e estabelecer algumas semelhanças e dessemelhanças entre duas línguas, o português e o inglês, no que diz respeito às nominalizações, embora as estruturas gerundivas apenas ocorram no inglês. No português, em contrapartida, a utilização do infinitivo muitas vezes se mostra compatível com as gerundivas de ação. Passaremos a examinar, em seguida, em detalhes, quais as equivalências que na língua portuguesa se apresentam.

4.1 O Infinitivo impessoal enquanto nominalização e enquanto possível equivalente para as gerundivas.

Como ponto de partida para estabelecermos possíveis equivalências entre as línguas, fomos verificar se são também encontradas em Português determinadas características que as nominalizações gerundivas apresentam, como a não mudança de classe gramatical e a derivação sufixal nos equivalentes em português.

Observa-se que na língua portuguesa alguns processos morfológicos produtivos concorrem para a formação de substantivos a partir de verbos, entre eles a adição de sufixos nominais, tais como *-ção*, *-mento* e *-agem*, conforme já mencionado anteriormente. Assim, formamos *dissertar* / *dissertação*, *processar* / *processamento*, *espionar* / *espionagem*, além desta, outra formação de substantivo deverbal existente é a que envolve a troca da vogal temática, como em *repassar* / *repasso*, etc.. Em ambos os processos mencionados dá-se a mudança de classe, tanto com a adição de sufixos quanto com a troca de vogais (ou derivação regressiva, de acordo com a gramática tradicional).

Entretanto, ao compararmos particularmente com as gerundivas de ação do inglês, o infinitivo impessoal se comporta como um equivalente razoável, ao

invés da alternativa com os derivados nominais. O infinitivo impessoal é tradicionalmente considerado como uma das três formas nominais dos verbos, sendo o gerúndio e o particípio as outras duas. O infinitivo pode, também, ser flexionado ou não. Quando estiver flexionado será por causa do sujeito, que por sua vez é um item gramatical que as gerundivas de ação não comportam em suas estruturas. Desta forma, o infinitivo flexionado é descartado como equivalente e, conseqüentemente, o infinitivo impessoal não flexionado é o que mais se assemelha às gerundivas de ação.

Cabe aqui, por oportuno, uma breve reflexão sobre o que é “forma nominal” dos verbos. As gramáticas normativas se limitam a definir quais formas verbais são consideradas nominais, as características gerais e o emprego delas. Autores como Cunha e Cintra (1985) alegam que o que caracteriza a forma nominal dos verbos é a impossibilidade de exprimirem tempo e modo. Assim, o infinitivo, ao ser usado representando determinado processo verbal em si mesmo, estaria próximo do que é um substantivo. Entretanto, o infinitivo pode apresentar aspecto e este fator o aproxima mais das gerundivas.

O que devemos ressaltar é o fato de que a definição é dada no âmbito da sintaxe. Em contrapartida, pleiteamos que o tratamento seja feito, igualmente no âmbito do léxico. Ou seja, da mesma forma que entendemos as nominalizações como sendo evidências das relações paradigmáticas existentes no léxico, consideramos que a forma infinitiva, já tradicionalmente chamada de nominal, é também uma nominalização. Apesar da ausência de derivação sufixal ou de derivação regressiva em seu processo, mas, principalmente, por ser sistemicamente motivada e havendo mudança de classe poderá por tudo isso ser chamada de nominalização “infinitiva”. Cabe-nos aqui esclarecer que não estamos afirmando que todo e qualquer infinitivo é uma nominalização. As nominalizações ocorrem porque são motivadas sistemicamente e estão, portanto, inseridas em contextos semântico-sintáticos onde suas presenças ocupam uma posição definida. Assim, quando uma forma infinitiva surge num contexto que pede substantivo, conforme observado nos equivalentes das nominalizações gerundivas de ação, cremos coerente considerá-la também como nominalização, além de infinitivo, evidentemente.

Desta maneira, no português, a forma de qualquer verbo no infinitivo pode ser considerada tanto infinitivo verbal quanto uma nominalização infinitiva e o critério para diferenciação é semântico-sintático. Quando o infinitivo for predador, será verbo e quando for predicado, será nominalização. Assim, em *tocar violão* a função do infinitivo é claramente predadora, portanto, verbo. Entretanto em *tocar violão faz bem à alma*, a função do infinitivo passa a ser de nome, tratando-se, portanto, de uma nominalização infinitiva.

Desta forma, dentro da perspectiva lexical este fenômeno é apenas mais um caso de mudança de classe por conversão.

Com intuito de fornecer subsídios para nossas afirmações, analisaremos de nosso *corpus*, primeiramente, as sentenças (44) e (45) abaixo, onde há as nominalizações gerundivas de ação *eating* e *dressing* exemplificadas por Lees. Para cada uma, fizemos as versões possíveis em português:

(44) *Eating vegetables is healthy.*

(44a) **Consumir** vegetais é saudável.

(44b) O **consumo** de vegetais é saudável.

(45) *Dressing oneself is fun.*

(45a) **Vestir-se** é divertido.

(45b) * A **vestimenta** é divertida/diversão.

Em (44a) é utilizado o infinitivo impessoal, enquanto em (44b) é usado o derivado nominal do verbo, que por sua vez está mais relacionado à ideia de um fato permanente do que de algo pontual. A versão que mais expressa ideia de ação é (44a) devido ao uso do próprio verbo na forma infinitiva. Entretanto, a posição que ocupa na sentença é de nome.

Em (45a), novamente é utilizado o infinitivo impessoal. Todavia, a versão (45b) com o derivado nominal, não é natural no português do Brasil. Desta forma, somente o infinitivo se faz equivalente para a gerundiva de ação em (45).

Analisaremos, em seguida, as equivalências para as sentenças (46) e (47) exemplificadas por Heyvaert, também como gerundivas de ação, conforme ilustrado no quadro 2, vide Anexo. Observemos:

(46) *His having brought up the box*

(46a) Ele **ter trazido** a caixa...

(47) *His drawing the picture rapidly*

(47a) Ele **desenhar** a figura rapidamente ...

Tanto em (46a) quanto em (47a) temos a utilização do infinitivo como possível equivalência. Em (46a), particularmente, o infinitivo aparece na forma composta.

A diferença entre (46) e (47) está na presença do advérbio *rapidly* em (47), item gramatical que caracteriza a gerundiva de ação.

Para as sentenças (48) e (49), que contêm nominais de ação exemplificados por Heyvaert, apresentamos as possíveis equivalências em (48a) e (49a). Aqui a equivalência é possível com o uso de nominal derivado de verbo para as duas sentenças. Vejamos:

(48) *His rapid drawing of the picture*

(48a) Seu **desenho** rápido da imagem (impressionou a todos).

(49) *His drawing of the picture*

(49a) Seu **desenho** da imagem (ficou muito bonito).

Finalmente, as sentenças de (50) a (52) contêm nominalizações gerundivas factuais. O equivalente em (50a) se dá pelo uso de locuções com o infinitivo (O fato de comer), ou (O fato dele vestir-se) como em (51a). Em (52b), temos o infinitivo composto e, em (52a), o uso de outra forma nominal do verbo, o gerúndio em sua forma composta, porque justamente é a que indica uma ação concluída anteriormente à ação que se refere o verbo da oração principal, segundo Cunha e Cintra (1985). Vejamos:

(50) *His eating vegetables is surprising.*

(50a) *O fato de ele **comer** vegetais é surpreendente.*

(51) *His dressing himself* is funny.

(51a) (*O fato de*) ele **vestir-se** é engraçado.

(52) *Having gone pleased us*.

(52a) (Ele) **tendo partido** ficamos satisfeitos.

(52b) Ele **ter partido** nos agradou.

Após análise das equivalências entre as gerundivas do inglês com o português, chegamos a algumas conclusões iniciais que estão expostas na seção seguinte.

4.2 Possíveis equivalências das gerundivas com o Português.

Uma vez tendo analisado as equivalências para as nominalizações dos tipos gerundivas de ação, gerundivas factuais e nominais de ação definidas por Heyvaert e Lees, podemos chegar a algumas conclusões.

No português, o infinitivo não flexionado, nas formas simples e composta, parece estar mais próximo da nominalização gerundiva de ação do que um substantivo verbal. Presumidamente, por haver alteração de classe gramatical no português e, por ter a mesma forma do verbo está inextricavelmente ligado à semântica verbal. Com as nominalizações “infinitivas” não temos o mesmo processo morfológico do inglês, onde há o acréscimo de *-ing*.

Em contrapartida, para os nominais de ação, as formas derivadas de verbos, bem como os próprios substantivos parecem estar mais próximas, uma vez que os nominais de ação se caracterizam pela possibilidade de ocorrência de adjetivos ou pela ocorrência perifrástica de participantes em suas estruturas.

Para nominais de ação do tipo (53), as equivalências poderão se dar pelo uso de sintagma nominal e em consequência o uso de infinitivo, conforme (53a), ou, ainda, com a possibilidade do agente da passiva, vide (53b):

(53) *Zelda's reluctant signing of the contract surprised the entire crew.*

(53a) *O modo relutante de Zelda assinar o contrato surpreendeu a todos.*

(53b) *A relutante assinatura do contrato por Zelda surpreendeu a toda equipe.*

Em resumo, para as gerundivas de ação, em grande número de ocorrências, o equivalente é o infinitivo não flexionado, nas formas simples e composta; as gerundivas factuais equivalem aos sintagmas nominais e locuções prepositivas seguidas de infinitivo, o gerúndio composto e orações subordinadas adverbiais e adjetivas; e para os nominais de ação o equivalente são os substantivos, os nomes deverbais e o infinitivo, conforme o quadro 3, no Anexo.

A questão da proporcionalidade de uso dos recursos será detalhada na seção 5.3, onde observamos o número das ocorrências em traduções de dois capítulos de livros que serviram de *corpus* para nossa pesquisa.

Ao nos reportarmos à questão de se haveria ou não nominalizações gerundivas no português, diríamos que, a julgar pela observação das ocorrências no *corpus* do presente estudo, não há processo morfológico semelhante, mas há comprovadamente uma equivalência entre as línguas neste aspecto. O uso no português do infinitivo como equivalente às gerundivas de ação faz-nos distinguir do infinitivo verbal por se tratar de uma nominalização e não de tempo verbal, daí propormos “nominalização infinitiva”.

Por outro lado, para os nominais de ação a equivalência se dá pelos substantivos e nomes deverbais e, ainda, também pelo infinitivo; enquanto para as factuais são as locuções seguidas de infinitivo e orações subordinadas adverbiais e adjetivas e o gerúndio composto.